



isso, Jesus indicou-a aos Seus discípulos, declarando que ela, na sua pobreza, tinha dado mais do que aqueles que deram na sua abundância. Isto é que é mudar de perspectiva!

Na forma mais gentil, mais amorosa possível, Jesus ajudou os Seus ouvintes a ver o mundo de forma um pouco diferente. Ele retirou-lhes os óculos de sol e mostrou-lhes uma perspectiva diferente.

A mensagem subjacente da minha experiência no deserto do Nevada com os meus filhos, do momento de observação dos pássaros com o meu marido e das parábolas de Jesus é fundamental: a forma como vemos o mundo não é a única forma de vê-lo. E uma segunda mensagem, mas igualmente importante, é que a melhor forma de ajudar os outros a compreender o nosso ponto de vista é dedicar algum tempo e esforço a tentar compreender o deles.

A melhor forma de ajudar os outros a compreender o nosso ponto de vista é dedicar algum tempo e esforço a tentar compreender o deles.

No momento em que a minha filha pôs os óculos de sol, e viu a nuvem com a forma de funil, que tínhamos tentado mostrar-lhe, senti uma pontinha de remorsos por antes me ter sentido tão frustrada porque ela não a conseguia ver.

“Desculpa, querida!”, disse-lhe eu. “Agora compreendo porque não estávamos a ver a mesma coisa. Eu só precisava de ver como tu vias.”

Jesus nunca poderia ter sido tão eficiente com as Suas histórias se não compreendesse totalmente as culturas e os costumes locais. Foi a Sua familiaridade com as perspectivas daqueles que estavam à Sua volta que Lhe permitiu conceber parábolas tão eficazes. Ele já tinha visto o mundo através dos olhos deles, e agora queria que eles experimentassem os Seus óculos de sol. O meu desejo, ao longo da vida, é continuar a pôr de lado as minhas suposições e olhar para o mundo através dos olhos de Deus.



#### **SOBRE A AUTORA**

Becky St. Clair é uma escritora independente que vive na Califórnia com o marido e três filhos pequenos. É uma leitora ávida com um gosto especial por contar histórias, pelo oceano, caril tailandês, dias de chuva, escrever cartas e viajar, o que infelizmente acontece raramente.

**Distribuído por:**  
União Portuguesa dos  
Adventistas do Sétimo Dia  
**Diretor: Fernando Ferreira**

**Produzido por:**  
Departamento de Mordomia da  
Associação União Pacífico  
**Editorial: Bernard Castillo**  
**Design Gráfico: Stephanie Leal**

# O Menu do MORDOMO

UMA MISCELÂNEA DE IDEIAS PRÁTICAS  
para o ajudar a ser um melhor mordomo.

AGOSTO 2021 • VOLUME 26, NÚMERO 8



## PARTILHAR OS ÓCULOS DE SOL: A MORDOMIA EM PERSPETIVA

POR BECKY ST. CLAIR

Este Verão, a minha família estava a fazer a viagem de regresso a casa, de carro, depois de uma visita aos avós. Estávamos algures na interminável desolação que é a estrada I-80, ao longo do Nevada, quando a detetámos: uma longa nuvem com a forma de funil, estreita e castanha no topo de uma colina perto da estrada. Para nós, chama-se poeira do diabo; outros devem conhecê-la por outro nome, mas é essencialmente um mini tornado, composto apenas por terra e poeira (e talvez alguns fragmentos de arbustos secos).

“Meninos, olhem!” dissemos eu e o meu marido, ansiosos por ter algo para lhes mostrar lá fora. “Vejam aquela incrível nuvem com a forma de funil!”

A MORDOMIA é um estilo de vida pleno que envolve a nossa saúde, tempo, talentos, ambiente, relacionamentos, espiritualidade e finanças.



Nós apontávamos, mas os miúdos apenas olhavam fixamente e pestanejavam. “Onde?”, perguntaram eles.

**Depois de alguns momentos a apontar exasperadamente, de repente ocorreu-me que eu e o meu marido estávamos a ver a paisagem de forma completamente diferente dos nossos filhos.**

Eu e o meu marido procurámos descrever da melhor forma o lugar onde a estávamos a ver, mas se conhece o deserto do Nevada, sabe que uma colina castanha é igual à seguinte, e tentar encontrar algum ponto de referência para onde alguém possa dirigir o olhar é praticamente impossível. (Caso nunca tenha estado no Nevada, tente indicar a alguém uma pequena mancha numa parede em branco, do outro lado da sala, e ficará com a mesma ideia.)

Depois de alguns momentos a apontar exasperadamente, de repente ocorreu-me que eu e o meu marido estávamos a ver a paisagem de forma completamente diferente dos nossos filhos. Retirei os óculos de sol, dei-os à minha filha e disse: “Vê agora.”

Mal ela pôs os óculos, ela exclamou: “Ohhh! Uau! Agora consigo ver!”

Virei-me para trás e olhei para o lugar onde eu sabia que estava a nuvem. Sem os meus óculos, a nuvem tinha desaparecido completamente no cenário do céu azul. As lentes, que eu estava a usar para ver o deserto, estavam a mostrar-me uma outra imagem do mundo à minha volta, diferente daquela que os meus filhos conseguiam ver sem aquelas lentes.

Noutra ocasião, eu e o meu marido estávamos no alpendre, a descansar e a observar os pássaros a esvoaçar no nosso pátio. A determinada altura, ele viu um pássaro que raramente, ou nunca, vemos perto da nossa casa, e começou a descrever o lugar onde ele estava para que eu também o pudesse ver. À semelhança do deserto do Nevada, numa árvore de 30 metros de altura, cheia de ramos, é difícil indicar a localização específica com meras palavras e gestos, e eu estava completamente perdida no meio de tantas folhas.

Por fim, depois de olhar para mim, a partir da sua estatura de mais 17 centímetros que eu, ele inclinou-se e colocou a cabeça ao lado da minha para que os seus olhos estivessem nivelados com os meus. Ao ver a árvore, a partir da minha perspetiva, compreendeu por que razão eu não

conseguia ver o que ele via, e pôde indicar-me onde o pássaro estava de maneira a eu conseguir localizá-lo.

Estas duas histórias servem de ilustração para uma importante competência de vida, em que tenho estado a trabalhar de forma intencional, a fim de desenvolvê-la em mim mesma, ao longo da última década: perspetiva.

Provérbios 18:2 (NTLH) diz: “O tolo não se interessa em aprender, mas só em dar as suas opiniões”.

Infelizmente, eu era assim durante muitos anos da minha juventude. Extremamente cheia de opiniões e segura de mim mesma, tinha a língua afiada. Sempre que eu tinha uma opinião baseada no que eu tinha visto ou ouvido, a partir da minha perspetiva, eu tinha a certeza de que estava correta, e partia do princípio de que toda a gente no mundo iria concordar comigo.

Através de tentativas e muitos erros, aprendi a verdade simples de que as minhas perspetivas e experiências não são as únicas que existem, e que ouvir e procurar compreender as dos outros não nega as minhas – simplesmente expande-as e melhora-as.

Curiosamente, muitas das parábolas de Jesus, contadas na Bíblia, também servem este propósito. Não servem apenas para ensinar ao ouvinte algo sobre Deus, elas também revelam perspetivas e experiências que, provavelmente, os ouvintes não compreenderam ainda. Por exemplo: a conhecida parábola do Bom Samaritano, em Lucas 10. Aqueles que ouviram a história de Jesus nunca teriam considerado que valeria a pena interagir com um samaritano, pois eram encarados pela sociedade como pessoas inferiores. Por isso, o facto de Jesus ter contado uma história em que um samaritano era o herói, deve ter sido algo fora de série para eles.

Alguém que eles considerariam indigno era, de repente, alguém que Jesus estava a exaltar como sendo um exemplo primordial de como ser “bom”. Tenho a certeza de que isso os deixou de boca aberta!

Jesus não contava histórias para fazer os Seus ouvintes sentirem-se bem; Ele fazia-o para mexer com eles. Para fazê-los pensar. Para expandir a cosmovisão que tinham. Ele sabia que o crescimento não ocorre no vazio, por isso contar histórias que eles já conheciam, ou que lhes permitisse prever a lição, só serviria para confirmar aquilo que eles já sabiam (ou pensavam que sabiam).

Aconteceu o mesmo quando Jesus apontou para a mulher pobre que deu duas pequenas moedas no templo (Lucas 21:1-4). No meio de toda a riqueza e pompa dos outros, esta mulher destacou-se para Jesus porque, proporcionalmente, ela tinha dado muito mais do que qualquer outra pessoa rica que deu as suas ofertas naquele dia. Por

Jesus não contava histórias para fazer os Seus ouvintes sentirem-se bem; Ele fazia-o para mexer com eles. Para fazê-los pensar. Para expandir a cosmovisão que tinham.